

Portugiesisch

FILHO DE DEUS - HOMEM POR NÓS

MENSAGEM PASTORAL

para a Quaresma 2025

de Dr. Dom Georg Bätzing, Bispo de Limburg

„ESTE É O MEU FILHO PREDILETO, ESCUTAI-O “
(Lc 9,35)

Caros irmãos e irmãs na fé!

Quem conhece as suas próprias raízes consegue crescer e superar bem os desafios. Isto é tão verdadeiro na vida como na fé. Com esta mensagem pastoral, gostaria de chamar a vossa atenção para a Profissão de Fé, cujos princípios básicos foram formulados há exatamente 1700 anos e que, algumas décadas mais tarde, assumiu a forma de o “Grande Credo”, que, desde então, deu à vida da Igreja e a cada crente raízes sólidas para a sua caminhada ao longo dos tempos. O texto encontra-se no Gotteslob (586.2) em alemão e em latim. O “Credo Niceno” foi originalmente escrito em grego, e isto tem a ver com a sua origem.

A LUTA PELA UNIDADE APÓS A REVOLUÇÃO CONSTANTINIANA

Constantino, o Grande, foi o primeiro imperador romano a colocar-se abertamente a favor dos cristãos e, em 313 d.C. com o Tratado de Milão, terminou o longo período de perseguição aos cristãos. Ele apoiou a Igreja com donativos financeiros, converteu-se também pessoalmente à fé cristã e reforçou o papel dos bispos. A sua intenção não era, sem dúvida, meramente religiosa. Politicamente, queria apoiar a unidade do Império Romano através da unidade da Igreja .

Todavia, este objetivo foi posto em causa por uma escalada do conflito. A polémica começou por volta de 318 em Alexandria, no Egito, e espalhou-se como uma conflagração. O sacerdote Ário negou a divindade de Jesus Cristo, a fim de proteger a singularidade e a incomparabilidade de Deus, que era tanto um legado da convicção bíblica de Israel sobre Deus, como ao mesmo tempo um legado da filosofia grega. Consequentemente, o Filho de Deus não podia existir sem ter sido criado desde a eternidade com o Pai, não é igual a Deus, mas a primeira e perfeita criatura de

Deus, que serviu a Deus para a criação do mundo e para as suas relações com os seres humanos. Ário e os seus seguidores eram grandes conhecedores da Bíblia e da filosofia, e queriam, com o seu ensinamento, harmonizar a mensagem cristã com os conceitos intelectuais do seu tempo.

A encarnação de Deus parecia-lhes uma ideia ingénua. Muitos dos contemporâneos instruídos da época partilhavam este ponto de vista. Mesmo quando o seu bispo solicitou a Ário que se mantivesse fiel ao fundamento comum da fé cristã, o conflito continuou a expandir-se. O imperador Constantino ficou alarmado e tomou a iniciativa de resolver as controvérsias, organizando o primeiro sínodo de todas as igrejas. No início do verão de 325, cerca de 250 participantes no concílio reuniram-se, não muito longe da então residência do imperador em Niceia, que é atualmente Iznik, na província turca de Bursa. O sínodo foi realizado na presença do imperador e dos delegados do bispo de Roma e, após intensos debates, condenou a posição de Ário e dos seus seguidores, formulando a sua própria doutrina sob a forma de um credo.

O QUE ACREDITAMOS DE JESUS CRISTO

O núcleo desta confissão é a afirmação: Jesus Cristo, o Filho, é da essência do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai. A última formulação - “consubstancial” - não teve origem na Bíblia, mas na linguagem e no pensamento da filosofia grega, a fim de proteger o conceito bíblico sobre o Filho de Deus de ser apenas interpretado como uma afirmação meramente figurativa, mas que não reflete a realidade.

Mesmo que, durante muito tempo após o Concílio de Niceia, a disputa sobre o chamado “Arianismo” continuasse a arder, a decisão deste primeiro sínodo estabeleceu-se, a longo prazo, como referência para a fé de todas as denominações cristãs e constitui, assim, uma base comum importante.

COMO NICEIA AINDA MOLDA A VIDA CRISTÃ DE HOJE

Aliás, essa não foi a única decisão vinculativa de Niceia: também a festa anual da Páscoa foi fixada no domingo a seguir à primeira lua cheia da primavera – e ainda hoje celebramos a Páscoa neste dia do calendário, este ano felizmente em simultâneo com o cristianismo ortodoxo. Neste ano jubilar do primeiro Concílio Comum, é portanto muito bem-vindo o apoiar novas iniciativas que promovam, na mesma data, uma celebração da Páscoa comum a todos os cristãos.

Supostamente, a instituição do Natal a 25 de dezembro pelo imperador Constantino está ligada também ao Concílio de Niceia e, pode ser entendida, como uma manifestação e “celebração externa” da Confissão a Jesus Cristo como o verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

O REGRESSO ÀS ORIGENS – O REGRESSO A CRISTO

Caros irmãos e irmãs na fé, se até agora consegui atrair a vossa atenção, então espero ter também despertado o vosso interesse de saber porque é que pode ser importante para nós, hoje, tratarmos de um acontecimento que ocorreu há 1700 anos. Além do interesse histórico, os acontecimentos e as decisões dessa época são também significativos para nós, cristãos de hoje? Claro que sim, simplesmente porque nós, como crentes, vivemos das origens e o conhecimento das origens ajuda-nos a conhecermo-nos melhor. Pessoalmente, sempre tive experiências enriquecedoras, empenhei-me intensivamente na minha fé e por descobrir profundamente as afirmações sobre o Deus triúno, a Igreja, a redenção e o perdão, o duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo, a oração e os sacramentos, e a grande perspectiva da promessa da vida eterna. E quando se trata de Jesus Cristo e do que acreditamos sobre Ele, trata-se, em suma, do núcleo central do Cristianismo.

A FÉ EM CRISTO HOJE

Fico, por isso, preocupado quando, no levantamento dos membros da Igreja publicado em 2023, a resposta dos participantes à afirmação: “Acredito que existe um Deus que se deu a conhecer em Jesus Cristo” tenha reduzido, drasticamente, em comparação com as sondagens anteriores. Atualmente, há 32% de membros da Igreja Católica que concordam com esta afirmação. Este facto pode ser visto como um efeito da secularização em geral, segundo a qual a existência de Deus se tornou mais ou menos insignificante para tantas pessoas. No entanto, a perda de um conceito pessoal de Deus é, obviamente, também acompanhada por uma redução alarmante das convicções centrais do Cristianismo.

Qualquer geração de cristãos, aliás, cada um de nós, deveria ser capaz de responder à pergunta: Quem foi realmente Jesus Cristo? E quem é Jesus? Um modelo, um profeta, o Rabi de Nazaré, uma figura determinante na história do mundo: Estas e outras descrições continuam a atrair uma grande simpatia muito além das fronteiras da Igreja, como demonstram repetidamente as sondagens. Mas será isto suficiente para que uma pessoa possa viver uma vida inteira com fé em Jesus Cristo e para viver e morrer bem com fé Nele?

NASCIDO DO PAI ANTES DE TODOS OS SÉCULOS - POR NÓS HOMENS E PARA NOSSA SALVAÇÃO

Atanásio de Alexandria é considerado um dos mais importantes bispos e teólogos do séc. IV do cristianismo. Por duas vezes, foi obrigado a exilar-se do Egito até aos confins do mundo - precisamente em Trier - por causa da Confissão de Niceia. Manteve-se fiel à sua fé e apresentou três justificações profundas para a decisão de Niceia: Se Cristo, o Filho, não fosse Deus, então não teria sido capaz de revelar Deus a nós, humanos, tal como Ele é. Ele seria apenas uma das figuras de mediadores e profetas; Ele poderia comunicar algo sobre Deus, mas não o próprio Deus. E se o próprio Deus não se tivesse feito homem, então a vida, a proclamação do Reino de Deus, o sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus não poderiam ter mudado nada de forma redentora e libertadora para a salvação de todos os homens. Se acreditássemos numa nova e genuína liberdade interior e numa nova relação com Deus que pudesse ser curada do pecado e da culpa - estaríamos no caminho errado da nossa fé. E, finalmente, o Doutor da Igreja Atanásio argumenta que, se Jesus Cristo fosse apenas uma criatura e não realmente o

Filho de Deus, então seria idolatria rezar-Lhe, ajoelhar-se diante Dele e adorá-Lo. Um diálogo pessoal com Jesus e qualquer pedido de oração numa Missa teriam talvez um efeito psicológico purificador e motivador, mas, para além disso, nunca poderiam criar uma verdadeira ligação entre nós, humanos, e Deus, a origem, a causa e o fim da nossa vida. Considero ainda muito convincentes estes fortes argumentos.

A CULTURA DA SINODALIDADE E O TESTEMUNHO COMUM CRISTÃO

Para além da questão da natureza e da origem do nosso Salvador, tão urgente na altura, vale a pena olhar para o Concílio de Niceia por outros motivos: Este importante acontecimento mostra que, ao longo da história da Igreja, sempre houve conflitos sobre questões essenciais de fé, sobre atitudes morais básica e sobre a direção da Igreja em relação ao tempo presente. Os conflitos e as discussões fazem parte disso.

Podemos continuar a lidar-los hoje e a fazer as nossas investigações com a convicção de que a Igreja começou cedo a criar uma cultura e estruturas de sinodalidade, a fim de lutar entre si de tal forma,

que a fé possa ser aprofundada e desenvolvida e, ao mesmo tempo, a unidade da Igreja seja preservada ou até mesmo redescoberta.

Os resultados do Sínodo Mundial 2021-2024 sobre o tema “Sinodalidade”, que agora devem ser vigorosamente implementados em todos os níveis da igreja universal, são, portanto, parte de uma longa e boa tradição.

Naquela altura, o imperador romano estava particularmente preocupado com o facto de que a igreja não se separasse na sua fé em Jesus Cristo. E não é absolutamente presunçoso que uma tal expectativa seja dirigida à Igreja. A unidade continua a ser o testemunho cristão decisivo aos olhos de muitas pessoas. O próprio Jesus rezou para que “todos sejam um só [...] para que o mundo creia” (João 17,21). Verifico isto frequentemente no diálogo com grupos sociais e líderes políticos. Mesmo que não confiem pessoalmente, acreditam que nós, cristãos, ao estilo de Jesus, ultrapassando todas as fronteiras confessionais, nos empenhamos em prol da justiça no mundo, da coexistência humana e de uma orientação básica em valores e atitudes fundamentais. Por isso, os esforços ecuménicos, para alcançar uma maior concordância e uma unidade visível, são hoje tão significativos.

A BELEZA E A COERÊNCIA DA FÉ

Agradeço a todos vós, caros irmãos e irmãs na fé, por todo o vosso empenho na fé cristã e na vida da Igreja no nosso tempo e, sobretudo, pelo vosso testemunho pessoal. Neste ano jubilar, quero encorajar-vos a refletir, pessoalmente e em conjunto, sobre a vossa fé em Jesus Cristo. O que significa Jesus Cristo para vós? Como é que se conseguem cumprir as afirmações do credo com vida e relevância? E quando reza, como é que fala com Jesus? Quando me refiro ao “Credo”, não só sinto algo da profunda coerência da fé, mas também me apaixona a sua beleza. De facto, o Grande Credo é, em particular, um único louvor a Deus – e é por isso que, com toda a razão, é muitas vezes cantado, e não apenas falado; porque a nossa fé viva é, em si, a forma fundamental de culto a Deus.

Para vós e para todos os que estão ligados a vós, peço a bênção abundante de Deus em nome do (†) Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Amém.

Limburg, no segundo Domingo da Quaresma de 2025

O vosso Bispo

O GRANDE CREDO OU CREDO NICENO- CONSTANTINOPOLITANO

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,
Criador do céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,
Filho unigênito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os séculos:
Deus de Deus, luz da luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
gerado, não criado, consubstancial ao Pai.
Por Ele todas as coisas foram feitas.
E por nós, homens, e para a nossa salvação,
desceu dos Céus.
E encarnou pelo Espírito Santo,
no seio da Virgem Maria,
e Se fez homem.

Também por nós foi crucificado
sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.
Ressuscitou ao terceiro dia,
conforme as Escrituras;
subiu aos Céus, onde está sentado
à direita do Pai.

De novo há de vir em sua glória,
para julgar os vivos e os mortos,
e o seu reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo,
Senhor que dá a vida,
e procede do Pai e do Filho;
e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado:
Ele falou pelos profetas.

Creio na Igreja, una, santa,
católica e apostólica.

Professo um só batismo para a
remissão dos pecados.

Espero a ressurreição dos mortos
e a vida do mundo que há-de vir.
Amen.

CONVITE A REZAR

- ① Cristo, Senhor Divino,
somente quem tem a força de amar, Te ama:
inconscientemente, aquele que não Te conhece;
ansiosamente, quem de Ti sabe.
- ② Cristo, Tu és a minha esperança,
a minha paz, a minha felicidade, toda a minha vida:
Cristo, o meu espírito inclina-se para Ti;
Cristo, eu adoro-Te.
- ③ Cristo, a Ti me apego
com toda a força da minha alma:
Só a Ti, Senhor, eu amo,
procuro e sigo.

T: Stundenbuch nach „Christe Deus, vitae verae fabricator“, Alphanus von Salerno (+1085)



1 Chri - stus, gött - li - cher Herr, dich__
2 Chri - stus, du bist mei - ne Hoff - nung, mein
3 Chri - stus, an dir__ halt ich fest mit der



1 liebt, wer nur Kraft__ hat zu lie - ben:
2 Frie - de, mein Glück, all mein Le - ben:
3 gan - zen__ Kraft__ mei - ner See - le:

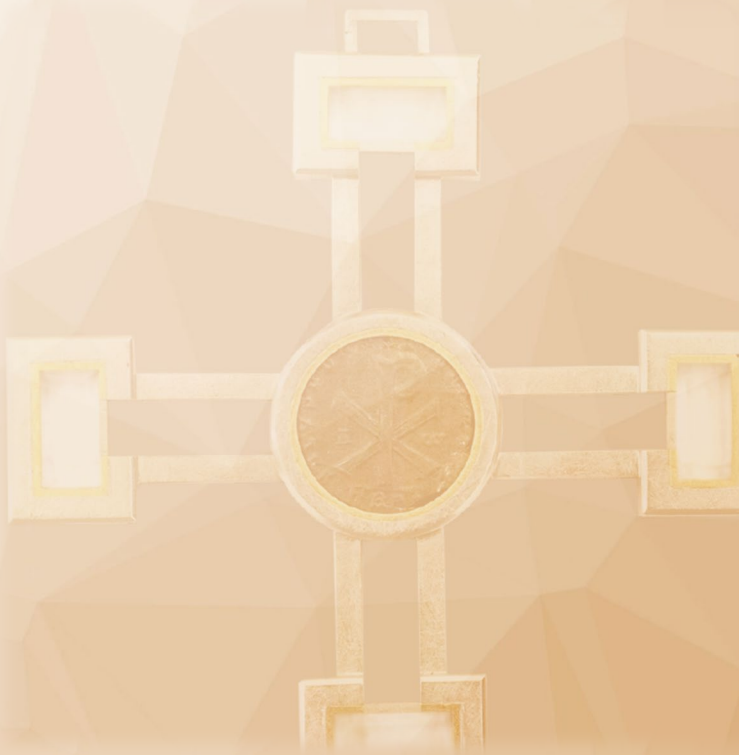


1 un - be - wusst, wer__ dich nicht kennt;
2 Chri - stus, dir neigt sich mein Geist;
3 dich,__ Herr, lieb__ ich al - lein,



1 sehn - sucht - voll,__ wer um dich weiß.
2 Chri - stus, dich be - te ich an.
3 su - che dich,__ fol - ge dir nach.

T: Stundenbuch nach „Christe Deus, vitae verae fabricator“,
Alphanus von Salerno (+1085), M: Barbara Kolberg 2008



Übersetzung der Ausgabe:
„GOTTES SOHN – MENSCH FÜR UNS“
HIRTENWORT
zur Österlichen Bußzeit 2025
von Dr. Georg Bätzing, Bischof von Limburg